

# PAIXÕES EM ANÁLISE

Marcus André Vieira

## VI – TRISTEZA E ENTUSIASMO<sup>♦</sup>

### Perda

Gostaria de começar com a tristeza. Dela vamos partir hoje para chegar ao que se perde e o que se ganha em uma análise. A tristeza daria muito pano para manga, deixei-a para o final justamente para que não dê tanto. A tristeza não vale isso tudo, mas ocupa um espaço danado porque acreditamos na perda. Esse é o ponto.

Quando se fala em perdas, todos concordam, falamos em coisa séria. Todos já sofremos perdas, e já ouvimos alguém falar ‘não lido bem com perdas’ levando isso a sério. Como se alguém lidasse bem com perdas. Quem seria este grande sábio? Que jogue a primeira pedra quem já lidou bem com perdas.

Existe uma normatização psicológica ambiente que exige saber perder. Parece coisa da fleugma inglesa. Lembro que assisti uma vez na televisão em Londres: um sujeito tinha perdido a perna em um acidente horrível de trânsito e sua perna teve que ser amputada no local. Perguntam para o médico que o operou se ele tinha reagido bem à perda da perna e ele responde “... *as a brave man*”.

O que seria este *brave man*? Na época do Império, do império do Pai, seria estar ligado, possuído mesmo, pelo ideal de alguma coisa imensa, tal como o império britânico, o “Império onde o sol não se põe”, como era chamado por ter possessões em todos os continentes. O estoicismo deste homem se sustenta na grandiosidade da coisa, algo como “perdi, mas isso não é nada diante do grande corpo do qual faço parte”.

Já nessa época a psicanálise surge para colocar o rei a nu e dizer: como assim reagir bem? Hoje então, sem poder contar como antes na crença nessa imensidão do Ideal paterno, estamos com mais dificuldades com as perdas. Temos que entrar nela deixando de lado o pai, o que leva ao avesso do *brave man*: em vez de estar acima de si, o desespero da paixão pela imagem de si.

Partamos da imagem de si, a mais concreta, a do nosso corpo. A base cotidiana intuitiva para abordar o tema da perda é imaginar que somos um todo que perde uma parte. Neste sentido, a perda tem a ver com uma espécie de amputação, mutilação. É assim que a se lê Freud. E é preciso, necessário e imperativo assumir que, apesar de Freud falar nestes termos, não é esta a posição freudiana com relação à perda. É verdade que ele fala coisas parecidas, é verdade que ele usa a imagem de um eu original que perde alguma coisa, mas é um eu original que nunca existiu. Como vimos da última vez, por isso mesmo chama-se *eu original*, e não *eu* simplesmente. É o que Lacan delimita dizendo que a perda é “de estrutura”. Para poder-se ser, perde-se.

---

<sup>♦</sup> Curso livre do ICP-RJ, ministrado na Escola Brasileira de Psicanálise – Seção Rio, lição de 2 de setembro de 2010. Transcrição, edição inicial e pesquisa de referências por Anna Luiza Almeida e Silva.

Isso cria um paradoxo. Se não sou eu que perdi, então ninguém perdeu, ou então, quem perdeu foi o outro. Mas sinto a perda em mim. Estamos sempre numa espécie de vai-e-vem entre esse ser original que eu seria e que não consigo ser, e uma perda aqui e agora, que essa sim vivo. Se acreditamos que somos um e perdemos, acreditamos na perda. Se dizemos que não há perda porque desde sempre já perdemos, podemos até não acreditar mais nela, mas continuamos a vivê-la. Se de um lado, o analista caricato dirá “seja um *brave man* e aceite a castração (como ele chama a perda)”, do outro, será “não reconheço sua perda, porque não há perda de verdade, venha comigo e seja um *Lacan hero*”. Prosseguindo nessa oposição caricata, de um lado somos acolhedores, mas talvez compreensivos demais com as perdas, do outro podemos ser duros demais, mesmo se sabemos que às vezes só assim se pode sair da perda.<sup>1</sup>

Não dá para dizer a alguém que perdeu uma perna ou perdeu um filho ‘você tem que aceitar a sua perda’, a não ser que você ofereça o consolo do além-mundo divino, e não acho que tenham inventado nada melhor que Deus para consolar uma perda. Se você não vai oferecer isso, então qual a resposta do analista à perda? Esse é o ponto de onde eu quero partir, afirmando que de todo modo precisamos desacreditar a perda.

## Desamparo

Já assinalei para vocês as passagens de “Inibição, Sintoma e Angústia” em que Freud marca a perda com esse paradoxo. Percorremos este texto quando tratamos das origens, vou hoje apenas indicar um ponto:

*Quando a criança houver descoberto pela experiência que um objeto externo perceptível pode pôr termo à situação perigosa que lembra o nascimento, o conteúdo do perigo que ela teme é deslocado da situação econômica para a condição que determinou essa situação, a saber, a perda do objeto.*<sup>2</sup>

Lembrem-se do contexto desta afirmação. Ele acabou de definir o que é o perigo. E o perigo é definido como um excesso de estímulos que não pode ser descarregado. Um excesso com o que não se tem nada a fazer. Esse é o perigo, esse é o insuportável. É disso que o aparato psíquico precisa se separar para poder subsistir. É então que ele avança esta passagem e com ela vai parecer - e todo mundo só vai lembrar disso - que a maior perda, o maior perigo, é a perda da mãe. Sim, mas esse já é um perigo segundo. O perigo original é o acúmulo de estímulos. A mãe é vital exatamente por ser aquela que permite que a criança descarregue. A única maneira de se satisfazer, e com isso descarregar e reduzir a tensão é passando pela mãe. A criança está no desamparo absoluto e a mãe é o nome da única redução de tensão possível. Há um deslocamento - o termo é esse. Se o perigo maior é o acúmulo e a mãe é aquela que permite que o acúmulo se descarregue, então o perigo maior agora será perder a mãe.

Só que é preciso lembrar que é a mãe que permitia que houvesse uma coisa a menos. Então a perda mãe, que é um a menos, é a perda de um a menos. É a mãe que permitia uma perda de tensão. Então a perda da mãe é a perda da perda. Como diz Lacan, a falta da falta.<sup>3</sup>

A conclusão é que a possibilidade de perda da mãe será vivida como angústia e não como tristeza. Desta forma, a cada vez que aparece a perda, uma verdadeira perda, de algo essencial, tomamos um susto e não ficamos tristes. A perda da mãe não é tristeza, é angústia. A perda da mãe nesse sentido não é perda de nada, ou então é a perda de tudo.

Se não há como descarregar fica-se com excesso de tensão. Conseguem imaginar isso como tristeza? Não. Estamos falando o tempo todo de angústia. Então a perda de que ele está falando, a perda de objeto, só será vivida como perda, com a conseqüente tristeza, mais adiante. A perda de objeto aqui é a perda da perda, ou a falta da falta. A mãe é um instrumento do fato que falta. Para Lacan, essa

intervenção da mãe é a marca da castração. E não a perda da mãe. A perda da mãe é faltar a perda. A perda da mãe é excesso.

Isso é o *Seminário 10* do começo ao fim. É preciso pensar ao contrário. Castração não é amputação nem mutilação, ele já tinha feito todo um trabalho para distinguir justamente o que ele chama de castração, que não tem a ver com a mutilação, que seria a perda no imaginário e, nos termos dele, acho privação. Castração não é você perder um pedaço. Castração para Freud, segundo Lacan, é você ter que passar pela falta para se estruturar. Castração não é a impotência, não é porque você é incapaz de conseguir e tem alguém atrapalhando. Não. A castração é que você nunca consegue porque você sempre descarrega. E se você por um acaso puder ter tudo, você não fica feliz. Você fica angustiado.

A angústia de castração deveria ser traduzida segundo Lacan como medo de castração, e não angústia. *Angst*, como se sabe, é um termo em alemão ambíguo e que na maior parte das vezes traduz-se como “medo”. A angústia de castração, quando Freud o utiliza na maior parte das vezes é para falar justamente da ideia de que você tem um corpo e vai perder um pedaço, e isso dá medo. Mas aquilo que ele define em ISA, não é isso. Se você está angustiado você não tem medo de nada. Justamente você não sabe do que você tem medo. A solução clássica é dizer que esse medo é inconsciente por isso você não sabe qual é a causa. Não é a ideia do Lacan; para ele, uma coisa é o medo de perder, outra é a angústia. A angústia não é um lugar de perda, e é aí que eu quero chegar. A angústia é um lugar de excesso e não de falta.

Tudo depende então do objeto perdido. Se ele for um pedaço visível de alguma coisa que constitui um todo, físico ou mental, haverá medo antes e tristeza depois. Se for um objeto que não faz parte do corpo, mas que é anterior ao corpo, à imagem unificada de si, e que, ao contrário, o constitui, como a mãe de Freud, então sua perda produzirá no eu, seguindo as modalidades afetivas do Outro, como angústia, horror, desespero, pânico etc.

A perda que vai dar em angústia é a perda de alguma coisa que está sustentando uma falta. É isso que Lacan chama amar: ser objeto de amor é sustentar para alguém sua falta. Por isso, a perda da mãe pode ser lida também como a perda do amor da mãe. É isso que ocorre em uma análise: Vou avançando no amor, na paixão, porque quero alguma coisa do outro, ele tem alguma coisa que me é necessário a princípio para minha completude. Essa coisa que vai ser necessária está além do que eu possa viver. Ela não é nada compreensível, está além do sentido, é um não saber, um não sei o quê, uma falta. Só que se eu for longe o bastante nisso encontro um gozo que, mesmo fora do sentido, começa a ser bem palpável. Na relação amorosa esse é o ponto em que me perco de mim, o que assinalamos como o *Eu te amo*, de Chico Buarque. Eu vou buscar alguma coisa que está além da vida e tendo a sair dela. Chego numa fronteira angustiada não porque eu estou perdendo alguma coisa, mas porque estou chegando lá. Como vamos prosseguir se caminhar mais em direção ao Real é desaparecer no Imaginário?

Um trabalho clínico caminhando pela angústia é um trabalho muito difícil e muito pesado e, provavelmente, impossível de ser feito. Em meio à angústia, no desespero, não dá para fazer análise. Freud chamava isso de ‘sob a pressão do trauma’, é uma de suas contra-indicações da psicanálise, que são todas relativas.<sup>4</sup> Quando você está sob a pressão do trauma, não dá. Mas triste, dá.

## Saudade e tristeza

Voltemos à tristeza. Quando me apaixono e vou fundo, me perco. Mas isso não dura, não pode durar, não há como viver na paixão. Quem dura são as emoções e os afetos, não o que definimos como paixão. Não que esse “se perder” tenha um prazo de validade, que ele seja limitado por si só, mas o mundo

inteiro não deixa. Tudo é feito para isso acabar, senão acaba o Outro. Se sexo fosse tudo, acabava-se a sociedade. Então a sociedade tem maneiras de fazer com que o sexo não dure. Qualquer coisa excessiva, não precisa ser sexo, qualquer paixão, a sociedade tem algum remédio.

O fato é que acaba. Mas quando acaba a paixão não volto exatamente para o mesmo ponto de partida. Volto com alguma coisa nas mãos, o objeto perdido. Não volto com um objeto do mundo, que caiba na mão, porque o que tive não era um objeto nesse sentido. Quando cheguei lá, perdi as mãos. Então como poderia ficar com alguma coisa depois que o amor acaba? Engano, posso ficar com a perda daquilo. Fico com o objeto perdido. Isso é a perda.

A maneira mais comum, mais segura e garantida de termos uma relação com o gozo é com o gozo perdido. Como fazer para que o gozo, que em si e absoluto é insuportável, seja reduzido, aprisionado, tornado palatável e esteja presente na nossa vida de todo dia? Como um gozo que se foi. Isso se chama saudade. Ter saudade é reafirmar a cada instante que um gozo está na vida como faltando. É a saudade como presença de uma ausência, uma negatização do gozo fundamental.

Também é possível ter saudade do que virá, que eu imagino ou pressinto em um futuro mais ou menos preciso. A estrutura é a mesma. Igualmente é possível que esta saudade não seja o pior, como a história de um pai, com filhos pequenos, que dizia a um amigo por ocasião de uma viagem de negócios: estou com uma saudade das crianças, mas prefiro a saudade.

De todo modo, reconhecamos o quanto o gozo em nossas vidas é basicamente nostálgico. Um minuto de prazer para um ano de saudade. Isso é que caracterizaremos como tristeza e não a perda de um pedaço. Reparem que é diferente. Mudemos nosso hábito de pensar que a tristeza é a amputação de alguma coisa que sou ou que deveria ser. Ela é a presença, na vida, da falta, articulada a um gozo perdido.

A tristeza nos ajuda, agora que já entendemos que sem falta não há vida, a não pensar que a falta é boa. Quero dizer, a apresentação da falta na vida, subjetivamente encarnada, não é agradável. A castração é a falta na estrutura, uma falta necessária, mas não é uma falta subjetiva. Quando Lacan fala de falta relacionada à castração, não está falando em sentir falta, mas se referindo a um vazio que coloca o jogo em movimento, um número zero. A tristeza é a presença da falta articulada ao gozo e com isso é o sentimento da falta, a falta subjetivada.

Chegamos à dor da perda, mas não da perda de alguma coisa que já se teve. Ou sim, tive, mas em algum lugar que eu ainda não era. Qualquer perda de verdade será vivida assim, com essa ambiguidade. E se for algo realmente vital, fundador, a perda rima mais com angústia que com tristeza. Elas se misturam, claro, mas ajuda distinguir. E é importante aproximar a angústia do desespero, do pânico. A angústia não é angústia existencial, como se dizia antigamente. Não é um problema que se resolver com uma carteira assinada. Não, a angústia não é um problema, que por definição tem sempre uma solução. A angústia é a falta de tudo.

Percebam, então, como um movimento terapêutico quase espontâneo é que se converta, na medida do possível, angústia por tristeza. A tristeza é sempre menos pior que a angústia. Isso se faz dando a angústia um objeto perdido. Na fobia se dá à angústia um objeto do mundo, ao alcance. Na tristeza um objeto do mundo, mas fora do alcance, seja no passado, no presente ou no futuro. Aproprio-me desajeitadamente das categorias de Descartes em seu tratado das *Paixões da Alma*, porque creio que elas podem ajudar aqui em nosso pequeno catálogo provisório das relações entre tristeza e angústia.<sup>5</sup> Foi a partir de uma concepção original do objeto que Lacan situou a angústia, considero que na relação entre sujeito e objeto podemos distinguir angústia de tristeza.

Para uma ideia mais próxima possível das etapas que estou propondo, percorramos uma poesia do Chico Buarque: Pedaco de mim.

Na primeira, apesar de parecer indicar que a tristeza é uma amputação, a poesia inclusive se refere a um membro perdido. Há algo mais: “a saudade é uma fisgada no membro que já perdi”. Como não ver aí a presença do membro como perdido dando objeto à tristeza. O objeto da tristeza é o objeto perdido com presença de uma ausência e não como pedaco faltante. Ele não se refere à falta do pé perdido, não diz de sua impotência para caminhar etc. Isso fica claro em outros versos, ainda mais fortes: “saudade é o revés de um parto” e na confluência com o desespero: “Saudade é arrumar o quarto do filho que já morreu”<sup>6</sup>. Quem acha que o filho vale como um pé perdido que não funciona mais deve desistir da paternidade. Filho aqui é muito, muito mais que um membro perdido que já não funciona como deveria. É muito mais que o signo de uma impotência e sim a presença do insuportável de uma vida sem seu centro, vazio, aberto a mil significados, pois afinal quem sabe o que é um filho para uma mãe? É a perda de um vazio (de sentido) estruturante.

## Alegria e Mania

Agora talvez possamos perceber porque Lacan não opõe à tristeza a alegria. O senso comum imagina a alegria no oposto da tristeza. Uma seria perda, outra a completude. A falta da falta, já vimos, é angústia, neste sentido, a tristeza se opõe à angústia e não à alegria.

Que mais pensar no registro da completude? De fato, uma coisa é a falta desaparecer, como na angústia, outra é ela continuar operante, mas ao mesmo tempo sermos afetados pela ideia de completude universal, da beatitude dos filósofos. Neste caso, segundo Lacan, já vimos no encontro anterior, de todo modo não será a alegria, mas o tédio.

A alegria, para Lacan ficará reservada ao sentimento de completude corporal, que tem na “jubilação” do estádio de espelho seu paradigma. A criança se olha no espelho, recebe a confirmação no olhar de sua mãe de que ela é aquilo mesmo que está vendo diante de si e assim, desta forma, se vê íntegra. Nem tanto uma ideia universal de perfeição, como na beatitude, mas a ideia de si como um Todo. Isso que chamamos alegria será aquele momento em que temos o sentimento de sermos Um.<sup>7</sup> Não é o sentimento de ter tudo, por exemplo, ou de estar com tudo, como se diz, apesar destes sentimentos estarem intimamente associados ao fato de nos vermos sem furos.

Alegria é o efeito em nosso corpo da visão imaginada de que se estar satisfeito, completo. Insisto na “visão imaginada”. Quando você vai para a cama e acontece algo para valer com alguém, ali sim, por um instante não há mais falta e isso é bem próximo da angústia. A alegria passa longe disto, é mais fálica. Assim como o gozo fálico passa por algo externo ao corpo. Nunca é em você, é sempre você sendo visto, imaginando-se, “se achando”. Por isso o espelho. Os momentos de alegria assim, dependem de uma complexa montagem que passa pelo Outro.

Não é apostando na tristeza que uma análise anda, mas na alegria tampouco. Alegria, aqui, é como alguém que bebia muito, bebia demais, que perdeu mulher e filhos, vai para o AA e diz, sou alcoolista. Ou alguém que está angustiado e descobre que é déficit de atenção e diz, sou déficit de atenção. Isso é alegria para Lacan, porque ele se encontrou, ele tem um corpo, uma forma, ele sabe o que ele é, por um instante que seja. Esta jubilação atrapalha a análise, não tenho mais dúvida, não tenho mais falta, não tenho mais nada, está tudo certo. É preciso que o Outro jogue o jogo, mas o Outro de hoje está todo feliz por fazer este papel, de ortopedia egóica coletiva. E quando você tiver um problema aqui, você diz, não, eu sou aquele lá.

Lacan organizar um pouco a tábua dos afetos numa passagem bastante conhecida em “Televisão”<sup>8</sup> ao responder a uma pergunta de J. A. Miller sobre o afeto. Ali ele nem mesmo retoma a alegria, ele já diz que a negação da falta é um pecado que, quando vai longe demais, quando perde contato com a falta pode ser “mortal”, indo até à mania. Para quem não sabe, a mania é um quadro psiquiátrico bem conhecido. É um termo da psiquiatria clássica, para o que hoje seria uma fase do transtorno bipolar. Existe em vários graus, mas é caracterizado por uma aceleração e agitação às vezes eufórica às vezes enlouquecida acompanhada da célebre “fuga de ideias” que é bem mais uma fuga de palavras, algo como uma associação livre ensandecida, em que o sujeito embarca e nem ele nem ninguém sabe como fazê-lo voltar. Por isso o tratamento é choque ou grandes doses de sedação até que a coisa se vá.

A melhor analogia é a freudiana: tanto alegria quanto mania são uma “festa”, em que nos liberamos dos entraves da vida cotidiana. É como ele as aborda em “Luto e Melancolia”<sup>9</sup>, como um carnaval. Saiu o supereu então há o sentimento de que tudo se pode. É só para a gente não ficar rindo do Imaginário da alegria, colocar em série a alegria e depois a euforia, e colocar mais a ideia da mania que você pode inclusive morrer disso. Lacan fala de uma ‘excitação mortal’. Então, nessa série, você pode ir até a mania. A alegria da alienação pode levar à morte; alguém pode ficar no carnaval até se acabar. Lacan mantém uma distinção importante: a alegria, na neurose, é sempre sobre um fundo de falta. A ideia do tudo completo, do “estou perfeito”, não dura se estamos no registro fálico, do Nome do Pai. A mesma alegria, na psicose, é esta agitação quando nada mais lastreia o mundo e quando não é mais sobre um fundo de falta. Neste caso o sujeito se vê “entregue à infinita e lúdica metonímia da cadeia significante”, nas belas palavras de Lacan.<sup>10</sup>

## Falta-a-ser, catarse e saber

Voltemos ao tema da descarga. Dissemos que a castração, a mãe e o Outro é o que permite descarregar. Essa descarga é uma presença da falta. Os afetos são uma descarga, em geral. Uma das maneiras que temos para definir descarga como vimos é purgação, a catarse afetiva. Um excesso que eu descarrego pelos afetos. Troco a falta por uma descarga afetiva. Essa é a purgação. Eu queria muito, muito alguma coisa, quando chego lá, já tive, e vou embora. A purgação torna o objeto que me falta alguma coisa mais razoável. Então os sentimentos, como descarga, são uma barreira para o gozo. Alguns afetos especiais, que chamamos de paixão, ao contrário, nos levam adiante. E nos levam à angústia. Então, como é que temos que seguir. Como a análise faz com a descarga afetiva?

O destino dado à paixão em uma análise é específico. Não é apenas o fato de que, ali, ela seja tanto amor quanto ódio e ignorância, nem o de que o analista se abstenha de colocar suas paixões a serviço do encontro analítico. É que numa análise não se sai de mãos abanando. A falta-a-ser do sujeito, o algo mais que sustenta a paixão, é trocada pelo que Lacan chamou *significante*.<sup>11</sup>

Sabemos disso, mas nunca é demais lembrar: um significante não é um significado. Do mesmo modo, o saber essencial em uma análise não é um conhecimento, um conteúdo de sentido que se pode adquirir, pesar, trocar etc. O saber que nos interessa é o saber inconsciente no sentido que lhe dá Lacan com seu gosto pelos paradoxos: um saber que não se sabe.<sup>12</sup>

Entenda-se: “não se sabe” como conteúdo, como conhecimento. Mas sabe-se de outro modo, como o que designamos acima como traço. É o rastro deixado pelos encontros com o Outro, signo com que o ferro do significante, em uma metáfora célebre de Lacan, marca seu gado.<sup>13</sup> Ele me distingue e define, mesmo que não me explique nada. É saber porque é letra, que se presta à leitura, sem ser, porém, nenhuma sabedoria. Enquanto o saber-conhecimento é universal, fôrma que vem dar forma e continente ao gozo, o saber-traço é apenas trilho, por onde ele pode escoar sem ser tomado pelo

sentido. Este a-mais de vida, escoando nas letras do corpo, fora do sentido é o que faz com que haja mais singularidade em uma cicatriz que em um rosto, mais história em uma narrativa que em uma foto, no relato do sonho que em suas imagens, mais vida nos significantes que no significado.

Se esse saber é fora do sentido e se o afeto é, em si, sentido, há um gozo da palavra que não se descarrega em afeto algum. Cabe, então, com relação ao afeto, a pergunta. O essencial de uma análise caminha, então, com um desapaixonamento?

Se na análise revive-se, como num cinema, os momentos cruciais de uma vida, este *revival* está a serviço de uma redução que extrai da grande epopéia de uma vida suas coordenadas essenciais. Passa-se, por exemplo, da guerra quotidiana com o chefe às agruras da infância sob o jugo de um pai autoritário até se chegar a um traço repetido que as várias cenas desse jugo vão cristalizando. São nomes e cores no limite do sentido e que por isso mesmo nos libertam dos afetos associados ao drama de partida. A tristeza das manhãs de silêncio ao lado do pai recém-divorciado perde o lugar quando o que se retém da vida melancólica desses momentos não tem em si nenhum sentido dramático. Um modo de girar as chaves, um pigarro, a faca no pão vêm dissolver a névoa nostálgica em que se via emaranhado o sujeito.

A catarse afetiva da análise, Lacan já não define como purgação, mas como purificação. Nessa experiência afetiva, em vez de me contentar com o afeto e deixar para lá o objeto ou torná-lo objeto do mundo, não consigo fazer isso porque a presença estranha do analista não deixa. Não porque é chato, mas porque está ali fora do sentido. Não consigo, com a experiência afetiva da análise, tornar o analista um objeto qualquer. Ela resiste. No caminho vou tornando um objeto qualquer meu pai, meus sofrimento, etc, todos os protagonistas da epopeia que ali vivi. Chorei muito, vivi, meu pai se reduziu e agora tenho uma relação com o meu pai relativamente pacificada. E o analista? Poderíamos dizer: agora que meu pai ficou uma coisa mais pacificada não preciso mais do analista. Certo, mas o que se tornou o analista depois que meu pai o deixou? A presença dele é um objeto voador não identificado. É da estrutura do dispositivo. Basta ele não fazer questão de ser amigo, basta que ele não atrapalhe, como diz Lacan no *Seminário 1*, que o dispositivo funciona.

Na experiência dos afetos fora da análise, a catarse produz uma purgação: troca-se um objeto por um afeto. Na análise é ao contrário, e o principal é que o analista, eu não consigo trocar por um afeto. Nunca consigo saber o que ele tem. Falando assim, parece uma coisa muito apaixonada com o analista. Troquem por saber, dá no mesmo. Eu nunca consigo saber exatamente se o que eu acabei de saber é exatamente o último saber que eu deveria saber para poder me libertar do meu analista. E ele não vai dizer, porque ele não tem esse saber. Há qualquer coisa que você sabe que só você pode saber.

A presença do analista como enigmática ou como sujeito suposto saber, como Lacan diz, sempre falta saber. A presença dele marca alguma coisa que ainda não se saturou, que ainda não se resolveu. O efeito da catarse afetiva numa análise não é “troquei um objeto por um afeto”, mas “vou trocando afetos afeto por um objeto, a”. Chorei por meu patrão e saio com o meu pai, depois choro por meu pai e saio com algo dele, e assim por diante. Neste percurso estamos cada vez mais próximos do referente real do sintoma, o objeto a. É o que eu estou chamando de trocar um afeto por um objeto. Lá no final, é o analista o último objeto.

Na análise, a descarga funciona de outra maneira. Não reduz o gozo para eu poder descarregar dali a pouco. É uma descarga que deposita alguma coisa. E esse é o último passo difícil: a descarga não reduz o gozo, aumenta.

Então podemos dizer que um tanto da excitação original envolvendo um personagem determinado é descarregado pelo sentido (incluindo o sentido afetivo), mas um tanto não foi. Esse tanto não foi

descarregado porque está fora do sentido. Ele era mau, eu chorei, a tristeza dá um sentido para tudo aquilo que eu sentia. A tristeza ou a raiva, por exemplo, escoam o gozo. Mas um tanto não é escoado e esse fica no objeto que resta. Então um tanto do gozo fica.

Na análise alguma coisa se decanta e essa alguma coisa que fica é lugar de um gozo que não se escoia. Aquilo que não tem como sair pelas ab-reações normais da civilização. Quando a vida é maior que a vida, o que se você normalmente é sair falando, sentindo, se afetando e aquilo vai sendo descarregado, neutralizado, ab-reagido, purgado. Se não for embora, você vai rodar em torno daquilo em uma repetição incessante do mesmo. E se você não conseguir nem rodar em torno nem descarregar, pode entrar em cena a compulsão e mil outras coisas. A análise propõe uma via alternativa. Em vez de ir fundo na paixão até morrer, em vez transformá-la num monotema com os amigos, ela vai se encarnando num objeto, só que fora do sentido.

O processo é, então, duplo. Por um lado, o excesso ganha a forma de afeto. Por outro, aquilo que do acontecimento resta não convertido em afeto, reluz. É a esta purificação que se refere Lacan. Ela acompanha o que se passa no plano da narrativa, onde o romance se torna *hai-cai*, quando "... um vagalume lanterneiro risca um psiu de luz".<sup>14</sup>

A este psiu de luz que acompanha os traçados de uma análise, Lacan chamou *entusiasmo*. No entanto, nem exatamente alegria, ou euforia, felicidade ou animação, não há como aprisionar o entusiasmo lacaniano em um registro afetivo específico, nem mesmo, como demonstrou recentemente J. A. Miller, naquilo que a cultura costuma chamar de entusiasmo.<sup>15</sup>

Não é emoção, nem paixão, pois (assim como a angústia, de que não poderemos tratar aqui) se situa no limite do campo afetivo. É apenas o tanto de libido que retorna quando nos liberamos do sentido; quando o traço muda de estatuto e passa de pista a marca - marco do surgimento de um "é isso" no lugar do "talvez não seja bem assim" de sempre.

Como se vincula a um não-sentido, não está no Outro da significação. Não há como reconhecê-lo pelas formas pré-definidas dos sentimentos da cultura. Por isso mesmo, não tem como durar, pois apenas aquilo que faz sentido para além de uma vivência singular, que faz parte da experiência compartilhada, se inscreve na duração. Um termo para traduzi-lo seria *elã*. Um *elã* não é nada que se possa conhecer ou controlar. Pode ser intenso ou extremamente discreto. No mais das vezes sem começo nem fim, nos visita sem dizer quando se vai. Sabemos apenas que, mesmo sem cerimônia, não tem como se prolongar e que pode, no máximo, voltar outras vezes.

O entusiasmo em uma análise não tem mais essência do que esse *esp de um laps*, como diz Lacan, ou do psiu de luz de Guimarães Rosa. Mas tem endereço, a transferência, o analista em último termo. Talvez por isso apresente-se mais do que o habitual, levando Lacan a propor que se estude o fato de que pouco se adoça em análise, chegando a sugerir que os seguros-saúde cobrem dos analisantes uma tarifa reduzida. É um modo de materializar pelo absurdo este mais de vida que não tem lugar no campo do sentido.<sup>16</sup>

No entanto, 'se não há entusiasmo houve análise, mas não analista', escreve Lacan em uma célebre formulação de sua "Nota Italiana". Foi o que engendrou em nosso meio o estereótipo do analista-entusiasmado, muito pertinentemente criticado por J.A. Miller.<sup>17</sup> É preciso ter em mente que o entusiasmo a que se refere Lacan nesta passagem é justamente o de uma passagem, não poderia ser um estado duradouro do ser. E mais: "analista", aqui, é uma função que, apesar de sustentada por alguém de carne e osso não se confunde com ele. É uma mudança, para o sujeito, nesta função, com seus efeitos sobre o corpo que Lacan assinala com o termo entusiasmo e não algum estado afetivo específico.

---

<sup>1</sup> Sobre a perda no ensino de Lacan cf. Vieira, M. A., *Restos – uma introdução lacaniana ao objeto da angústia*, Rio de Janeiro, Contra Capa, 2008, verbete “perda”.

<sup>2</sup> Freud, S. [1926]. “Inibição sintoma e angústia”, *Edição Standard Brasileira Completa das Obras Psicológicas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976 (daqui por diante *ESB*), vol. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 160.

<sup>3</sup> Lacan, J. *O Seminário, livro 10: A Angústia*. Rio de Janeiro, JZE, 2005, p. 52 e 92 e também Vieira, M. A. *op. cit.* verbete “falta”.

<sup>4</sup> Miller, J.-A. “As contra-indicações ao tratamento psicanalítico”, *Opção Lacaniana - Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*. São Paulo: Eolia, 1999, n. 25, p. 52-55.

<sup>5</sup> Cf., por exemplo, “A alegria é uma agradável emoção da alma a qual consiste no gozo que esta tem de um bem que representa como seu”, Descartes, R. *Les passions de l’âme*, Paris, Gallimard, 1988, pp. 208.

<sup>6</sup> Buarque, Chico. *Pedaço de mim*. 1977-78.

<sup>7</sup> É o que indiquei com o estágio do espelho que consiste na unidade obtida pelo corpo (...). O corpo, prematuro, descoordenado, parece se juntar, fazer um corpo (...) o que não acontece no mesmo nível nos animais que nascem maduros: não há essa alegria do estágio do espelho que chamei júbilo” (O Seminário, livro 22, inédito, lição de 11/3/75), apud, Vieira, M.A. *A ética da paixão*, Rio de Janeiro, JZE, 2001, p. 253 e 222.

<sup>8</sup> Lacan, J. [1973]. “Televisão”. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p. 524.

<sup>9</sup> Freud, S. [1917]. “Luto e Melancolia”, *ESB*, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 287.

<sup>10</sup> Cf. Lacan, J. *op. cit.* e Vieira, M. A. “Sur la manie”, in: *Pas-Tant* n° 34, Toulouse, Le Mirail, 1993, p. 53-62.

<sup>11</sup> As palavras têm, nos termos de Freud, o “poder mágico” de serem ao mesmo tempo matéria e anti-matéria, algo concreto, mas que pode sustentar um furo no conhecimento, como veremos no que segue (cf. Freud, S. *ESB*, vol. VII, p. 306).

<sup>12</sup> É um significante que responde à paixão da transferência, cuja forma mais matematizada é a notação “Sq” (Cf. Lacan, J. *Outros Escritos*, p. 253). Para o “saber que não se sabe” cf. Lacan, J. *O Seminário, livro 20*, Rio de Janeiro, JZE, 1985, p. 129.

<sup>13</sup> Cf. Lacan J. *Escritos*, p. 629 e *EP*, p. 111.

<sup>14</sup> “Fechei-me no quarto. Pela janela aberta entrava um cheiro de mato misantropo. Debrucei-me. Noite sem lua, concha sem pérola. Só silhuetas de árvores. E um vaga-lume lanterneiro, que riscou um psiú de luz” (Rosa, Guimarães, “Minha gente”, *Sagarana*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984, p. 211).

<sup>15</sup> Freud, S. *ESB*, vol. XIV, p. 287 e Vieira, M. A. *op. cit.*, p. 223. Assim entendo a recente crítica de J. A. Miller, ao entusiasmo. Ali, ele opõe o entusiasmo, como estado, ao essencial de uma análise, não necessariamente como o que defino aqui como “elã”, como oposto ao temor e à piedade (cf. Lacan, J. *O Seminário, Livro 7*, p. 298 e Miller, J. A. “Coisas de Fineza”, *A orientação Lacaniana*, inédito, lição de 26/11/2008) e tb. Cf. Miller, J. A. “Coisas de Fineza”, *A orientação Lacaniana*, inédito, lição de 26/11/2008 e ainda Miller, J. A. “Os afetos na experiência psicanalítica”, *As paixões do ser*, Rio de Janeiro, Contra Capa, 1998, p. 32.

<sup>16</sup> Lacan, J. *O Seminário, livro 10*, p. 142.

<sup>17</sup> “Se ele não é levado ao entusiasmo, é bem possível que tenha havido análise, mas analista, nenhuma chance” (Lacan, J. *Outros Escritos*, Rio de Janeiro, JZE, 2001, p. 313). Destaca-se a importância da crítica de J. A. Miller ao estereótipo do “analista entusiasmado”. Se algum estado afetivo deve designar o exercício da psicanálise, que ela seja o desapego (cf. Miller, J. A. *Ibid*, Cf. ainda Laurent, E. “La passe entre enthousiasme et béatitude”, *Quarto*, n. 31, 1988, apud *EP*, p. 225).